

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE ARTES CÊNICAS - INTERPRETAÇÃO TEATRAL

MARIELLE SIQUEIRA DE OLIVEIRA

**Diários de uma atriz:
a imaginação, a atenção e os *viewpoints* para a construção de dois
personagens do universo "Os Mamutes" de Jô Bilac**

Santa Maria, RS
2023

MARIELLE SIQUEIRA DE OLIVEIRA

Diários de uma atriz:
a imaginação, a atenção e os *viewpoints* para a construção de dois personagens do universo "Os Mamutes" de Jô Bilac

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Cênicas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Artes Cênicas – Habilitação em Interpretação Teatral**.

Orientador: Prof. Dr. Lisandro Pires Bellotto

**Santa Maria/ RS
2023**

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente ao meu orientador, o professor Lisandro Bellotto, pela parceria artística e construção conjunta da minha pesquisa.

Também a professora Adriana dal Forno, pelas importantes indicações para a elaboração da minha pesquisa no momento da banca sugestiva.

Quero agradecer imensamente a professora Fabiana Fontana, pelo esforço conjunto para que os meus diários de atriz ganhassem cada vez mais brilho.

E um agradecimento especial aos meus familiares e amigos que estiveram, de alguma forma, comigo nessa caminhada.

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	5
INTRODUÇÃO.....	6
REFERENCIAL TEÓRICO.....	7
PERSONAGENS HAMMED E SQUEL - BREVES PERCEPÇÕES.....	10
DIÁRIOS DE ATRIZ.....	11
REFERÊNCIAS.....	50

APRESENTAÇÃO

Meu relatório reflexivo vai ao encontro do processo de criação de espetáculo de formatura, trabalho obrigatório para a formação no curso de Bacharelado em Artes Cênicas - Habilitação Interpretação Teatral da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Nele descrevo e reflito sobre o processo criativo que foi desenvolvido nas disciplinas obrigatórias dos semestres finais. Meu relatório foi desenvolvido durante as disciplinas de Laboratório de Orientação III e IV, Técnicas de Representação VII e VIII, e Montagem de Espetáculo III e IV.

Minha reflexão se amparou no método dos *Viewpoints* das diretoras norte-americanas Anne Bogart e Tina Landau, como estratégia para desenvolver a atenção e a imaginação da atriz. A escrita contou com o apoio pedagógico de docentes selecionados pelo CAED/UFSM (Coordenadoria de Ações Educacionais da Universidade Federal de Santa Maria). O processo de criação resultou em um espetáculo cênico, denominado *Mamute SM*, onde realizei a construção de dois personagens a partir do texto “Os Mamutes” do dramaturgo carioca Jô Bilac.

INTRODUÇÃO

O meu processo criativo teve como base para a criação os elementos da imaginação e da atenção no trabalho da atriz. Como um novo dia, cresceu a vontade para continuar criando novos personagens nas aulas práticas, nos ensaios e no momento que interpreto. Sendo assim, refleti sobre meu potencial imaginativo e atento durante essa criação.

O desejo foi iniciado durante meu experimento solo no REDE¹, e se aprofundou no último ano do curso. Me explico: durante o processo criativo do monólogo chamado "Julia no espelho", com a orientação da professora doutora Adriana Dal Forno nos semestres 5 e 6, eu ativei meu corpo usando as brincadeiras de infância, através das memórias, das músicas, danças e os filmes marcantes que já assisti, e que me estimularam corporalmente. Como se, através da memória, eu voltasse a ser criança. E, depois de estar concentrada, montei os personagens e suas ações. Em seguida memorizei e aprimorei corporalmente cada uma das ações que, através da repetição, viraram corpo, chegando assim ao experimento online.

É trabalhando as ações dando ênfase na atenção e na imaginação que me sinto liberta nas aulas e ensaios. Tem algumas práticas que nos fazem voltar no tempo. Especialmente a memória e a atenção fazem isso comigo. Cabe informar que essa pesquisa iniciada no meu monólogo online se adensou ao somar-se nela o método dos *Viewpoints* das diretoras Anne Bogart e Tina Landau. Método que desenvolvi no ano de 2022 com o professor Lisandro.

Para cada criação, uma qualidade de atenção e memória é acionada, dependendo do processo que se percorre, trazendo diferentes experiências para a atriz. Ao experimentar uma técnica desconhecida para mim, me aventurei em novas memórias e lembranças, misturando-as em um novo espetáculo. Foi através dos estímulos da imaginação e da atenção pelo viés dos *Viewpoints*, que construí os personagens para a montagem de formatura.

¹Forma usada pelas unidades de ensino durante a pandemia – 2020/2021 -, onde tivemos que trabalhar as aulas práticas e teóricas em nossas casas, distantes dos outros colegas e professores, sendo assim, de forma remota.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como dito, a atenção e a imaginação são elementos muito importantes para o meu processo como atriz. É a partir deles que me descubro em cena e aciono o corpo para o jogo cênico. Eu percebi, na prática, que os *Viewpoints* trabalham muito com a imaginação e a atenção dos atores. *Viewpoints* significa "pontos de vista" do ator em cena, são como pontos de atenção que estimulam a imaginação. Aqui trago o pensamento de Bogart sobre como trabalhar a atenção nos seus atores:

Eu ensino direção teatral na Universidade de Colúmbia. A única coisa que sei sobre dirigir é que dirigir diz respeito a escutar. Como se ensina a escuta? Como se aprende sobre atenção?(BOGART, 2018, p.31)

Aqui Bogart direciona sua preocupação com a atenção para pensar o trabalho dos atores e diretores. Dando ênfase a esse elemento através da escuta, que ela procura desenvolver nos seus atores através dos 9 *Viewpoints* de tempo e espaço. Sendo assim, foi um método importante para eu conseguir avançar na minha pesquisa sobre os elementos da atenção e da imaginação no trabalho da atriz. Apresento agora, os elementos que compõem os *Viewpoints*:

Lembrando que o livro das autoras Anne Bogart e Tina Landau, sob o título "O livro dos *Viewpoints*: um guia prático para *viewpoints* e composição", lançado no ano de 2018, é um livro traz uma abordagem muito mais prática sobre o uso dos *Viewpoints*. Entendemos que, a proposta de Anne, consiste em explorar nas práticas com seus atores as questões do espaço e tempo por meio de improvisações. Para compor a prática, coloca-se um destaque para os procedimentos coletivos de improvisação que acabam sendo usados regularmente no treinamento dos atores e bailarinos. Esse treinamento constante com pontos atencionais liberam o potencial imaginativo dos atores durante as improvisações, criações de personagens e cenas. Segundo o pensamento de Bogart e Landau (2017), o modo de trabalhar com os seus atores implica conceitos sobre o Tempo que são:

O ANDAMENTO que é "a medida da velocidade na qual um movimento acontece, o quão rápido ou devagar algo acontece no palco" (BOGART; LANDAU, 2017, p.26). Já a DURAÇÃO está ligada ao tempo que dura um movimento, ou uma sequência de movimentos, "duração em termos de trabalho com *Viewpoints*, se relaciona especificamente, com quanto tempo, um grupo de pessoas, trabalhando juntas, permanece em uma certa seção de movimentos antes de mudá-la" (BOGART;

LANDAU, 2017, p.26). Na REPETIÇÃO se trata literalmente da repetição de algo. A repetição pode ser Interna (repetir o movimento do seu próprio corpo) ou Externa (repetir a forma, andamento, gesto de algo fora do seu próprio corpo). Tem também a RESPOSTA CINESTÉSICA, que está ligada a resposta aos movimentos que ocorrem fora do ator, "o *timing* no qual você responde aos eventos extremos do movimento ou som, o movimento impulsivo que ocorre, a partir dos estímulos dos sentidos" (BOGART; LANDAU, 2017, p.27). Existem também conceitos sobre o Espaço que são:

A RELAÇÃO ESPACIAL é a distância entre as coisas no palco, especialmente entre corpos. "Pensando um corpo em relação espacial, percebe-se possibilidades de aproximação ou separação extrema entre pessoas ou entre pessoas e objetos" (BOGART; LANDAU, 2017, p.30). Tem o GESTO EXPRESSIVO, que "expressa um estado interno, um desejo, uma ideia ou um valor. É abstrato e simbólico, em vez de representacional" (BOGART; LANDAU, 2017, p.28). Neste sentido, o gesto expressivo é um estado interno, que pode ser representado através do corpo sob forma de imagem de desejo. O meu corpo, por assim dizer, transforma-se na imagem gerada por meio da imaginação. Segundo Bogart, o gesto expressivo "é universal, é atemporal e não é algo que você normalmente veria alguém fazendo no supermercado, ou no metrô" (BOGART; LANDAU, 2017, p.28). Nesse sentido é uma imagem do universo, do que eu imagino dele, de um estado, que a minha imaginação me coloca, me deixando levar para ver o que acontece, sem pensar muito, e com certeza eu não faria isso dentro de um supermercado. Já o GESTO COMPORTAMENTAL é aquele que pertence ao mundo concreto e físico do comportamento humano, assim como observamos, na nossa realidade cotidiana. É o tipo de gesto que você vê no supermercado, ou no metrô, como coçar, apontar, acenar, fungar e saudar. "Um gesto comportamental, pode dar informações sobre os personagens, período do tempo, saúde física, circunstâncias, clima, e roupas" (BOGART; LANDAU, 2017, p.28).

A ARQUITETURA é "o ambiente físico, no qual você está trabalhando, é o quanto a atenção ao espaço afeta seus movimentos" (BOGART; LANDAU, 2017, p.29). Percebe-se que a atenção dada ao espaço onde se pratica *Viewpoints* acaba afetando nossos movimentos. Pode-se dizer que a arquitetura trabalha o espaço da cena. Entende-se que o trabalho de *viewpoints* é aprender a dançar com o espaço

que se tem. Já a TOPOGRAFIA "é o padrão, o desenho que criamos e onde movemos pelo espaço" (BOGART; LANDAU, 2017, p.30). A fala de Bogart infere que, nesse momento, começa a se criar um padrão de deslocamentos, de desenhos imaginários feitos no chão, paredes e outros lugares do espaço, pelos atores. "Para entender um padrão de chão, imagine que a base dos seus pés, está pintada de vermelho, ao se mover pelo espaço, o desenho que se desenvolve no chão é o padrão de chão, que emerge no tempo" (BOGART; LANDAU 2017, p.30). Percebe-se assim, que o ator tem que imaginar os pés pintados de vermelho e passa a brincar, interagir com aquele momento. E, por fim, a FORMA, que tem a ver com o "contorno ou desenho que o corpo faz no espaço. Toda forma pode ser dividida em linhas e curvas, e uma combinação" (BOGART; LANDAU, 2017, p.17). Do que entendo dessa citação de Bogart, é que, para os atores conseguirem praticar a forma, precisam usar o espaço e seu corpo pensando nos seus contornos, e assim começa a surgir desenhos físicos que possuem determinadas formas expressivas.

Personagens Hammed e Squel – Breves percepções

A peça *Os Mamutes* de Jô Bilac, apresenta a trajetória do personagem Leon Carmelo em busca de emprego na multinacional de *Fast Food* que produz hambúrguer de carne humana. Para conseguir a vaga, o jovem Leon precisa enfrentar um grande dilema moral: abater um ser humano. Na trama eu interpretei duas personagens: a primeira se chamava *Hammed Ali Ada Ada*. Era uma "jovem bomba" que tinha uma característica marcante: ela cuidava da segurança da personagem Lola Blair, uma travesti terrorista. O objetivo de *Hammed* era "se explodir" em nome da libertação dos Mamutes. A segunda personagem se chamava *Squel*. Ela só vestia preto e tinha ideia fixa na morte. Ela tinha o desejo de ser assassinada por alguém que ela amava. Ela se apaixonou pelo protagonista Leon Carmelo à primeira vista, e tentou convencê-lo a assassiná-la.

Diários de Atriz

A reflexão acerca do processo criativo se deu a partir de uma compilação dos meus diários de atriz. Nesses textos, desenvolvidos durante e depois das aulas, procurei dar conta do processo criativo do espetáculo *Mamute SM*. A escrita foi extensa, separada por meses e dias. Foram mais de 130 páginas, que aqui se transformaram numa escrita reduzida. Nela, eu reflito sobre minhas percepções das práticas propostas em aula, meu envolvimento criativo com as personagens e o entendimento sobre a narrativa do espetáculo.

Mês 1

13.04.22

Na aula em momento de prática, o fato de transformar meu corpo em um "boneco maleável" parado, me fez imaginar que eu era como um manequim de loja. Ficar à frente do colega com o olhar fixo, como se tivesse um espelho em minha frente, e enxergasse através dele, através da minha imaginação. Vejo o meu reflexo a partir do reflexo do meu colega. Em seguida, ajudar o colega, a sair do lugar, a se movimentar de olhos fechados é para mim um momento bem agonizante, pelo cuidado, que se tem que ter, para mexer nas pernas do colega. Sou receosa porque tenho medo que mexam nas minhas. E depois uma caminhada coletiva, realizando paradas no meio do caminho, como se fossem pequenas pausas, com várias pessoas indo para o mesmo lugar apressadas. Praticamos assim o *Viewpoints* espaço - relação espacial. Estava com muitas saudades de ter novamente essas aulas e não senti o tempo passar.

Outra atividade desse dia foi realizar uma "caminhada performática" na raia. Consegui interpretar várias personagens realizando ações, usando a imaginação. O jogo de ir até a frente da sala com os olhos fechados, meu deu a sensação de que fosse me machucar. Mas, como fiz várias vezes, acabei perdendo o medo. E depois ir caminhando para frente movendo o corpo, como se estivesse dançando de um modo livre. Me deu uma sensação de liberdade e eu consegui colocar minha imaginação para fora. Foi muito boa a sensação.

19.04.22

Na aula prática de hoje, me colocando em cena, experimentei trabalhar VPTs forma e experimentando várias ações no caminhar. Meu corpo foi se transformando, se modificando, Coloquei então a minha imaginação para trabalhar. Deixei meu corpo fazer o que quisesse, sem o controlar. Um corpo parado mas com movimento. E a minha atenção estava no exercício proposto. Procurei não dispersar, forçando o foco naquilo que me propus a fazer. Como já me falaram aqui na graduação, eu sou uma “caixinha de surpresas”. Senti que ao caminhar pela sala e realizar várias pausas, estimulava meu corpo, e surgiram várias ideias em minha cabeça para trabalhar o corpo expressivamente quando congelava meus movimentos. Como uma extensão da caminhada que congelava pela pausa solicitada pelo professor. Esse movimento então se prolongava na minha imaginação.

Fico feliz de conseguir fazer os exercícios propostos. Com isso acabo esquecendo do meu problema de coordenação motora e dos meus joelhos que não dobram. Consegui enxergar o meu corpo todo sendo trabalhado com esse exercício de VPTs relação espacial.

20.04.22

Fazendo a prática indicada pelo professor pude passar por várias experiências imaginárias, como a de fechar o corpo todo como um “feto” e, em seguida, abri-lo como se fosse uma “estrela”, isso tudo coordenando a respirar junto. Assim, associei 2 imagens que me auxiliam a realizar determinadas posturas corporais.

E depois, teve o de tocar na barriga, e a mão no peito, inspirando e expirando profundamente. Me senti como se fosse um balão que enchia e esvaziava com a respiração. Depois fizemos o exercício do “velho” que se caracteriza por uma longa caminhada com o corpo todo tensionado. É muito estranha a sensação, e a caminhada se faz com muita dificuldade.

Teve outros exercícios que solicitavam o engajamento do corpo e da imaginação, como a “caminhada pela superfície da lua em gravidade zero”. Em determinado comando do professor, acabava o ar do traje espacial e o corpo precisava morrer agonizando lentamente. Procuro trabalhar a minha atenção para não perder o foco, me concentrando na narrativa imaginária em conexão com meu corpo.

Teve o exercício das 6 emoções, onde consegui passar uma certa verdade, onde a atriz finge, mas acaba passando a sensação para o corpo através dessa mentira que ela própria imagina. Em seguida assistimos um vídeo no *youtube*. Gostei dos vídeos onde ambos atores de filmes americanos de grande sucesso, estavam num programa de TV e um deles estava iludindo o apresentador, contando um fato como se fosse seu, mas era de outra pessoa, fazendo o apresentador acreditar em sua mentira. Ele contou a história do outro como se fosse dele, o “se” mágico da psicotécnica.

E também teve o exercício do bufão falando em *grammelot*. É ótimo por não ter quase regras e onde se trabalha com a voz e o movimento do corpo juntos. É como se fizesse parte de mim esse momento de liberdade. Me passa uma sensação tão boa que eu não sei explicar, me faltariam palavras para descrevê-lo.

Figura 1: Bufões



Fonte: Lisandro Bellotto

26.04.22

A prática de hoje foi bem do jeito que eu gosto. Usei bastante improvisação nos meus movimentos, a partir de um jogo de *Viewpoints*. Era preciso realizar durante a improvisação estruturada, 2 mudanças de nível, duas mudanças de andamento, um

pulo, um gesto expressivo, uma pausa e uma frase do texto *Os Mamutes*. Explorei os níveis e diferentes velocidades em cena.

Em seguida, realizamos outra prática ligada aos VPTs. Brincamos de nos entrevistar uns aos outros para imaginarmos a vida de cada um dos personagens da peça que estamos em via de criar. Eu improvisei as respostas e pude perceber o quanto isso ficava engraçado. Me sinto leve e solta com total liberdade de ser o que quiser nesses momentos. É muito legal ver os outros colegas trabalhando em duplas, saindo do momento em que nada acontece, para enfim, surgir um acontecimento real nos seus corpos. Em mim acaba acontecendo a mesma coisa. Como se passasse uma energia dentro da sala e chegasse dentro do meu corpo, fazendo eu me mover. É um momento incrível! E assim, quero continuar tendo essas experiências até o fim do semestre.

27.04.22

Realizamos diversas vezes a improvisação “se transformar naquilo que se come”. E gostei de me imaginar num restaurante chique, escolher minha carne no menu, comer com polpa, beber e conversar com os amigos à mesa. E, depois de um tempo, começar a me engasgar com o alimento ingerido. Esse momento me deu muita agonia pela sensação que passou pelo meu corpo, como se tivesse acontecendo aquilo de verdade. O professor solicitava que esse “engasgar” precisava ser físico e visível para a plateia. Em seguida nos transformamos no animal que escolhemos no cardápio e comemos. E essa experiência transforma meu corpo, pela forma que trabalho com ele numa lógica animalesca. Não só a minha face se transforma, mas o corpo todo acaba sendo trabalhado nessa prática. E, depois de se transformar em animal, de uma hora para outra, acaba sendo baleado. A improvisação termina com meu corpo na posição fetal e, enfim, acaba chegando a morte do animal que estou interpretando. É, para mim, um momento muito triste de se imaginar e se colocar nessas circunstâncias de ser um animal com esse final tão cruel. Ele (eu) luta para sobreviver, tenta resistir para não morrer. Com isso, acabo colocando toda minha força física para resistir. Eu gosto de ter essas experiências, acabou me tirando da zona de conforto. Essa experiência de animal é muito agonizante e ao mesmo tempo é muito bom, acabo conseguindo me soltar e me jogar nessa prática.

Também outros exercícios propostos engajaram minha imaginação e corpo inteiro. Com a experiência prática de “levar um choque elétrico” é muito interessante, porque acaba trabalhando o corpo de forma muito intensa. Também o exercício do “velho” onde se deveria caminhar devagar, com o corpo todo tensionado, do fio de cabelo aos dedos dos pés. Sinto muitas coisas diferentes em cada exercício proposto pelo professor nessa fase de treinamento físico estimulado pela imaginação.

Mês 2

03.05.22

A partir do jogo relacionado aos VPTs tenho conseguido jogar melhor com os colegas, trabalhar níveis e intenções. E o melhor, com o passar do tempo, vou sentindo que está acontecendo de verdade, e isso é muito importante para mim, pois vou me deixando levar pela minha imaginação. Agora, já não é mais apenas a Marielle do dia-dia, mas é a nova personagem que acaba surgindo da minha imaginação. Portanto, gosto de me arriscar, propor o jogo, me colocar e entrar para o mundo da imaginação. É como uma viagem para o mundo do personagem através do meu corpo e imaginação. Assim, vou completando o ciclo desse semestre, muito feliz com meu trabalho.

04.05.22

Na aula de hoje, trabalhamos a prática da “animalidade”. O tigre é muito legal de se trabalhar pela potência lúdica que existe ali. Rolar no chão, transformar meu corpo numa anatomia diferente. Gosto de trabalhar e interpretar personagens que têm formas diferentes de lidar com a voz. Assim eu me arrisco mais. Até o meu deslocamento pelo espaço é diferenciado. A seguir, a prática da “estrela e feto”. Na posição fetal eu respiro e volto a ser criança. Depois, abro os braços e as pernas, em forma de estrela, o que acaba me dando uma sensação de liberdade e abertura total do meu corpo. Em seguida, o jogo dos sentimentos em duplas, onde se deveria usar apenas as frases “eu te odeio” e “eu te amo” de diferentes formas. O movimento do corpo deveria vir junto com a intensidade da fala. Pra mim, passou muita verdade nesse momento da prática.

Figura 2: Eu te amo, eu te odeio



Fonte: Lisandro Bellotto

Depois realizei junto com a colega Tainara uma improvisação relacionado ao universo dos mamutes. Acabou ficando interessante em função da disputa que se criou entre nós. A partir do VPTs Topografia, criamos um deslocamento circular constante para formalizar uma disputa para ver quem ficava com os restos mortais de um mamute abatido. E o desfecho trágico que improvisamos, onde os dois caçadores acabam morrendo. Gostei de ver o que os outros colegas pensaram nas suas improvisações, onde todos nós colocamos a imaginação em ação, e cada um de nós teve a oportunidade de trabalhar o seu caçador de mamutes. Assim, vai se desenvolvendo a ideia da peça.

05.05.22

Nesse dia, fui convidado pelo professor a responder às seguintes perguntas: Como meu corpo reage aos exercícios realizados? O que eles me provocam? Qual eu mais gosto? Eu desconstruí meu corpo\saí da zona de conforto? E qual me provocou mais fisicamente?

Eu reajo de uma forma que estou sempre em alerta a tudo que acontece em minha volta e acabo focada no que estou fazendo. Me veio à cabeça o *Soft Focus* e o VPTs Resposta Cinestésica. As práticas me estimulam a continuar no exercício proposto, não desistir fácil. Acaba sendo uma experimentação física onde eu tenho um foco a seguir, não desistir e ir mais além do que já estou fazendo, me obrigando

a sair da “Zona Cinzenta” que fala a Anne Bogart. Eu gosto de todos os exercícios, mas os de animalidade, e das 6 emoções são os meus preferidos. Eles agem para assim desconstruir meu corpo e assim já coloco em prática a imaginação. Com isso, provo pra mim mesmo que sou capaz de fazer qualquer jogo e exercício individual ou em dupla. E provo ainda que sou capaz de muitas coisas que achava que não fosse capaz de fazer. É igual a uma música que eu conheci que se chama “Meu Sonho” da *Canção de Banda Universos*. É como algo que não mereço, eu tenho que aceitar mas não vou deixar de sonhar:

*Longe demais pra chegar
Alto demais pra alcançar
Meu sonho é como tentar tocar o céu
Dizem que não posso ter, que preciso esquecer
Desistir de uma vez*

*Grande demais pra guardar
Forte demais pra negar
Meu sonho é como algo que não mereço
Dizem que não é pra mim, que nunca vai ser assim
E eu tenho que aceitar*

*Mas não não
Não vou deixar de sonhar o que sempre sonhei
Não vou me cansar de lutar
De tentar de novo eu já deixei esse sonho
Fazer parte do meu ser ...*

11.05.22

Neste dia, começamos com a caminha de um animal até levar um tiro onde tentei trabalhar formas diferentes de levantar e cair a cada tiro. Eu tenho uma imaginação tão boa que é como se a sala de aula fosse outro lugar onde ao chegar acaba por despertar a imaginação de uma forma que faltam palavras para expressar o que eu sinto nesse momento. Como se eu tivesse no filme *Jurassic World* quando me imagino como um animal.

E depois teve o momento do exercício do *Cold Turkey* onde eu me encontrava numa festa e explorei movimentos e gestos com meu corpo enquanto dançava e usava drogas. Elas me deixam feliz naquele momento. E, quando o efeito do narcótico

acabava, eu ficava muito triste. Meu corpo sofria com a abstinência e me atirava no chão, mexendo o corpo para todos os lados querendo mais drogas para continuar me divertindo. Em todos esses exercícios eu acabo trabalhando minha imaginação e descobrindo novas ações para meu repertório de atriz.

E, na hora de “vender meu corpo”, fui deixando ele me levar e assim conseguir perceber até onde ia a ativação da minha imaginação. Eu fiz vários movimentos circulares com o meu corpo, mexendo delicadamente os pés e as mãos. Depois, tirei a joelheira para dar um clima de sensualidade aos movimentos e me aproximei dos colegas que assistiam. Isso me mostrou uma jovem tímida que, ao mesmo tempo, é sensual. Esse perfil eu também tenho no meu dia-dia, de tímida. E assim, é como se fosse a personagem Squel que interpreto, só que acrescido do conteúdo sensual. Reuni, assim, um material prático para minha personagem. Como sendo uma jovem que um dia quer se casar mas, o desejo de ser morta a atrapalha na sua vida amorosa.

18.05.22

A música me ajuda a despertar a minha imaginação durante as práticas. Através dos diferentes ritmos, eu consigo fazer uma viagem no tempo e no espaço. Fizemos a dança *butoh* como aquecimento na aula de hoje, onde fiz uma posição com meu corpo na forma de um feto, e depois um bebê que acabou de nascer. Uma vida despertando para a vida. Eu olho à minha volta e acabo fixando o olhar nas pessoas que estão à minha volta, Depois de um tempo parada na posição de quatro, começo a engatinhar como um bebê. E depois de mais um tempo consigo ficar em pé. Começo então a caminhar de um lado para outro, como se tivesse muita pressa. E quando volto da caminhada, é como se tivesse na rua, onde acabo sendo atropelada por um carro. Caída no chão, já morta, acabo virando uma estrela que vai para o céu. Termina na posição de uma estrela. Nesse final, me demonstro uma jovem muito querida que acaba morrendo por negligência de um motorista louco. Ao final, a jovem acaba virando uma estrela no céu, e que teve muita persistência em sua vida.

19.05.22

Hoje trabalhamos na composição de algumas cenas. Eu trabalhei um jogo de improvisação junto com o texto. Comecei a jogar com meu corpo unindo as minhas falas. E trabalhei com as ações e a minha atenção e a imaginação. Primeiro faço uma

leitura do texto e depois vou usando as palavras e as ações da minha personagem. Por exemplo, o caminhar de um lado para outro, e depois sentar e continuar a minha sequência de ações já experimentada nas aulas anteriores.

26.05.22

Neste dia trabalhamos com a prática do Movimento - espelho. Depois, dinâmicas de movimentos nas raias e em círculos pequenos e grandes. Trabalhamos a relação espacial e a percepção cinestésica. Investigamos diversos gestos expressivos ligados às personagens. Incluímos duas frases escolhidas por mim, do texto os mamutes. E as três fases escolhidas foram:

Você pode me matar e se matar depois; a gente pode morrer juntinho; morre comigo e a gente vira chuva juntos. E fiquei repetindo as minhas falas para mim mesma e depois apresentei para os meus colegas. E senti que teve momentos que fluíram de uma forma perfeita o que estava fazendo. Mas é preciso decorar mais frases, tenho muita dificuldade nisso. E depois trabalhei com a minha personagem Squel, com a seguinte sequência de movimentos impulsionados pela imaginação:

1-Fico em concha-FETO.

2-Despertar da concha(feto)

3-E depois fico um tempo nessa posição.

4-Fico em pé.

5-Caminho de um lado para outro.

6-Sento de lado e viro de joelhos para o público.

7-Fico com a mão pra frente, e depois coloco as mãos no peito. Ao ouvir um dos o tiro, caio no chão mexendo com os dedos das mãos sem parar.

8-Virando o rosto para o lado e movendo os dedos. Eu tinha nas mãos um buquê imaginário da Squel...

Gostei da participação da Tainara na minha cena. E gostei muito de ver o trabalho que os colegas fizeram em aula.

31.05.22

Fazendo o aquecimento Individual, eu imaginei estar em outro lugar. Despertei meu Processo Criativo através dos jogos propostos pelo professor, e elaborei ações através da minha imaginação. Quanto mais estímulo dou para meu corpo, mais acabo

criando. Têm alguns momentos que pareço uma criança! E a Squel faz isso comigo, me desperta o lúdico.

E, na hora que estou experimentando as frases da personagem num canto da sala, eu começo a entender suas emoções. É como se estivessem contidas dentro dos diálogos, e assim passam para minha voz, ganhando o corpo. Cada vez que eu experimento as falas da personagem, acabo me tocando profundamente e sem explicação aparente. Começo a chorar, mas controlo as lágrimas e volto à prática dos exercícios. É como se viessem à tona minhas emoções de infância e de criança.

É como despertar um gatilho dentro de mim, acionando a memória emotiva de algo que já aconteceu comigo. Foi no natal de 2012. Uma grande perda na família. Uma tia que era sempre carinhosa comigo. E assim aparecem as lembranças do que já vivi. É através da minha imaginação que nasce toda a trajetória da Squel. O sofrimento dela surge pela minha memória emotiva. E isso eu descubro testando, experimentando. Mas tem dias que não acontece nada. E isso é normal. Não posso me cobrar tanto. Em compensação tem outros dias que flui que é uma maravilha. Essa peça mexe tanto comigo. O fato da história ser narrada por uma criança...

E já reparei que o estado nervoso da atriz em cena, com a respiração acelerada, é muito mais difícil trabalhar assim. E o segredo para o ator se acalmar é fazer respirações longas, e nesse momento sinto que acalma meu coração. Trabalhar a concentração no momento da prática criativa. Me concentro no meu tempo, que é estar de joelhos com a cabeça para frente, contando mentalmente 1 minuto. Eu pratico isso como parte do que chamo “meu manual prático e íntimo da atriz”. Mas foi difícil no início. Nas primeiras aulas senti uma certa vergonha de pedir esse tempo para mim antes de entrar em cena.

Mês 3

02.06.22

Neste dia assisti as cenas da Daniela, Tainara e Renata. Achei interessante, e pude experimentar, através dos VPTs Repetição, algumas ações pra mim. Hoje, sem olhar para o celular, consegui lembrar das minhas falas, e na parte final da aula, fiz uma sequência que, de certa forma, ajudou muito. O processo teve uma mudança. Uma sugestão do professor para a Squel. Com os braços para frente, eu caminho em direção ao Leon de uma forma bem lenta, como na dança *butoh*. Nos abraçamos e,

fora de cena, o professor ia narrando a história da Squel. Vou continuar pensando nessa sequência de movimentos que eu apresentei hoje para a turma. A prática minha e da Tainara é uma introdução do primeiro encontro amoroso entre os dois. Depois da troca de olhares entre Squel e Leon, através do VPTs gesto cotidiano, nos abraçamos carinhosamente. Eu amei a forma sugerida pelo professor, e assim já consigo imaginar uma sequência para essa cena, que eu já havia pensado em aulas anteriores. Uma espécie de Romeu e Julieta dos dias atuais. O meu nervosismo me faz esquecer as falas, o famoso “branco” e eu acabo não conseguindo dizer as falas inteiras.

Não sei como consegui me concentrar de uma forma perfeita, e de estar tão animada para aula. Deve ser porque gosto demais das aulas, ou porque venho ouvindo música no *Spotify*. Me sinto inspirada ao ouvir músicas indo para a UFSM. Eu adoro, amo trabalhar os gestos expressivos. Eu consigo engajar o corpo todo e trabalhar com as ações da Squel de diferentes maneiras.

07.06.22

Neste dia de aula, pela sugestão do professor, incluí uma caminhada de um lado para o outro, com uma parada no meio. Depois, sentei no chão e apontei o dedo pra frente, como se estivesse dizendo minhas falas para o Leon: me mata e depois se mata. Ou morre comigo e a gente vira chuva juntos. E, depois virar chuva, como se desse um tiro em mim mesma, caía no chão ferida. Ainda fiz uma súplica para ele, onde eu termino dizendo: você Leon, não morreria comigo!

08.06.22

Capitão Man é um dissimulado, um covarde, e Leon acaba perdendo as estribeiras com tudo aquilo que está acontecendo em sua volta. E assim, no meio dessa tormenta, Leon e Squel acabam se conhecendo. Só de olharem um para outro acontece um encanto imediato. Eles se tocam e se abraçam. Squel se encanta por Leon e vice-versa. O conflito da cena é que Squel quer morrer a todo custo. Ela pede para Leon, mas este não consegue, por estar completamente apaixonado por ela. E o desejo de morrer de Squel não tem fim, é uma ideia fixa. Abaixo, referências iconográficas da personagem Squel, a partir da ideia de garotas que usam preto:

Figura 3: Inspirações



E essas são as referências de imagens de filmes e séries com atrizes que pensei para inspirar a personagem Squel. A atriz Angelina Jolie nos filmes de Lara Croft, Sr e Sra Smith e Malévola. Também a atriz Michelle Batista da série HBO - o Negócio. E também os filmes em que aparece a mulher gato:

Figura 4: Inspiração mulher gato



14.06.22

Neste dia começou com a caminhada pelo espaço, e depois explorar os níveis espaciais. E a prática dos *viewpoints* foi sendo desenvolvida, elemento por elemento de tempo e espaço. E assim, já vou trabalhando com a minha sequência de movimentos e deslocamentos, enquanto digo para mim mesma as falas da Squel. Eu sinto como se estivesse contando com as minhas palavras através da fala, e unindo o movimento e os gestos expressivos e comportamentais, para passar para quem assiste esses personagens que estão dentro de mim. O que ela sente de verdade naquele momento estando na frente de Leon, tentando se matar, e depois salvando Leon e tendo seu final trágico?

A Squel, é como se quisesse querer chamar a atenção do Leon, e tivesse com o Leon preso em meus braços. E com as orientações do professor, acabaram encontrando um melhor sentido ao que criei para a composição de cena. E fiquei passando junto com a Tainara as nossas falas. Depois gravamos elas em áudios. Combinou muito o áudio das nossas vozes e nós compondo junto com as práticas individuais, que no final acaba se tornando uma coisa única. É muito bonito isso tudo. E trabalhei com a sequência prática de correr em direção ao Leon.

15.06.22

Realizamos uma ficha de personagem de acordo com uma atividade de *Viewpoints* proposto pelas autoras do livro. Seguem as perguntas e respostas:

1-Meu nome: Squel

2-Eu tenho quantos anos: 18 anos.

3-Eu sou de algum lugar: Eu sou do interior de Santa Maria.

4-Minha profissão é: Eu tenho a profissão de animador de crianças.

5 - Fatos que sei da personagem que estou interpretando:

Quer morrer;

Já tentou várias vezes e não conseguiu;

Ela é apaixonada pelo Leon desde a primeira vez que o viu;

Ela se mata;

Ela quer virar chuva.

6- Cinco coisas que eu sinto da minha personagem:

Que ela é muito jovem para tomar essa decisão de morrer;

Ela não tem amor pela sua vida;

Ela está só pensando nela; não pensa no sofrimento dos outros que ela vai deixar para trás com sua morte tão precoce. E que a vida não é só isso, Tem muitas coisas boas e não tão boas e perfeitas, mas é preciso se viver;

Leon é a única pessoa que pode fazer ela mudar de ideia;

7-Uma ação que desempenho em cena: Caminhar de um lado para o outro, ficar de joelhos com um dos braços um pouco para trás e com uma das mãos para a frente. E depois, trazer direcionando para o peito o dedo indicador. Com isso, vou para o chão na posição de estrela e com a cabeça para o lado. Estou agora morta. E, com os dedos das mãos se movendo como se estivesse lutando com o corpo para sobreviver e assim não aceitar que estou morrendo, mais como um instinto de sobrevivência. Assim, com essa ação, procuro comover Leon com a seguinte frase: Morre comigo.

8-Uma fala importante que digo em cena: Me mata.

9-Meu maior medo: Que todo mundo vai morrer um dia.

10-Meu maior desejo: Ser assassinada por alguém que me ame de verdade.

11-Hábitos estranhos que eu tenho: Tentar se matar e não conseguir.

12-Meus gostos incluem: Rolar pelo chão e tomar banho de chuva.

13-Minhas aversões incluem: A ideia de que todos nós vamos morrer um dia e que não vai existir mais ninguém no planeta terra. E que nós não podemos antecipar nossa ida para o céu, por mais que tente. Quem decide a hora é Deus.

17.06.22

Percebi que as minhas duas personagens, Squel e Hammed Ada Ada são bipolares. É por causa da mudança súbita de comportamento que acabam tendo nitidamente no andar do espetáculo. A Squel quer morrer a todo custo, já tentou morrer outras vezes e não conseguiu. Já Hammed, ao correr em direção a Leon para explodi-lo, demonstra como ele se importa com a causa revolucionária da mãezona Lola Blair. Ele a ama de verdade, e quer protegê-la. Mas ao fazer esse ato desesperado, com uma bomba amarrada ao peito, pode acabar matando todo mundo à sua volta. Assim, pelo menos, Squel não morreria sozinha. Mas ao final, as duas acabam morrendo. Hammed assassinada e virando sanduíche, assim como Squel ao conseguir se suicidar se metendo no meio de uma briga de facões entre dois

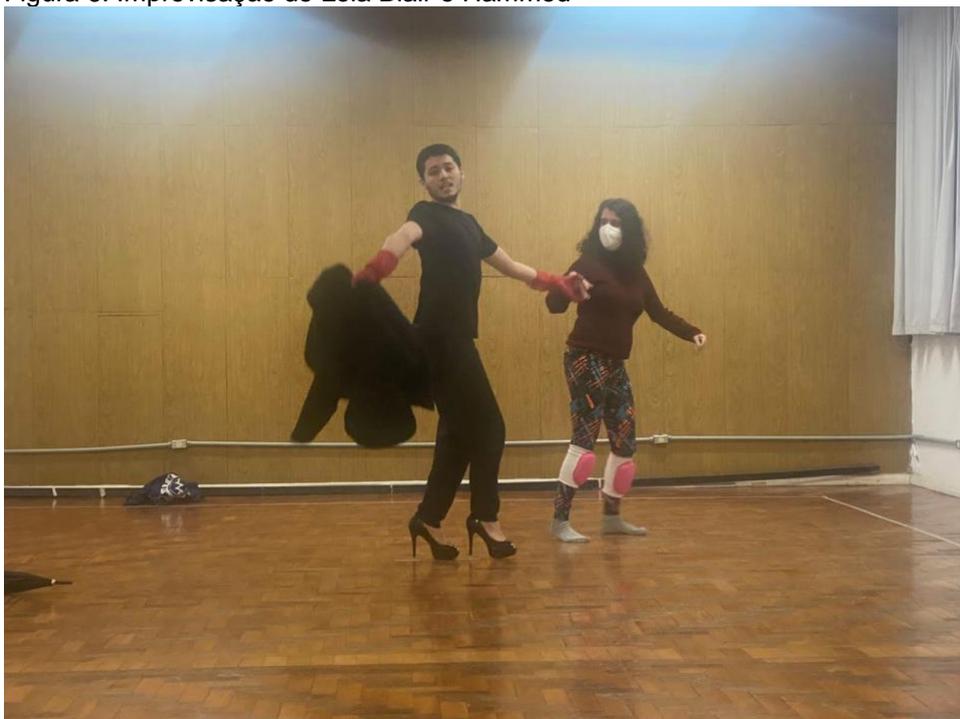
caçadores de mamutes. E esse final eu chamo de reviravolta das personagens Squel e Ada Ada. É parecido com o que a gente vê em filmes, séries ou em um romance.

Figura 5: Hammed, Lola Blair, Leon e Frenesi



Fonte: Lisandro Bellotto

Figura 6: Improvisação de Lola Blair e Hammed



Fonte: Lisandro Bellotto

22.06.22

Hoje eu tentei trabalhar ações diferentes, colocando a atenção no meu próprio corpo, me deixando levar pelo ritmo da música que tocava e colocando minha imaginação para fora. E depois, antes de entrarmos na composição de cenas, fiquei parada de costas para a parede da sala e respirei lentamente, contando mentalmente de 1 a 6. Eu percebo que essa técnica me acalma para depois caminhar até o canto da sala e dar continuidade a cena onde vou ao encontro do Leon com os braços levantados para abraçá-lo. Depois, a turma desfilou compondo uma série de Gestos Expressivos em uma sequência variada que expressava o perfil de seus personagens.

E mais um dia trabalhando os movimentos e as ações da Squel com o Leon. Fiz movimentos e gestos como se quisesse chamar a atenção de Leon. E trabalhei bastante com o VPTs Repetição dos movimentos que iam aparecendo. Leon não consegue matar Squel. Ele tenta de novo e não consegue, por amar ela demais. Mesmo ela implorando, suplicando de braços abertos em frente a arma. Leon demonstra que ainda tem princípios morais.

23.06.22

Neste dia trabalhamos a prática de meditação e nesse momento eu sinto que a minha respiração e a voz juntos me deixam mais tranquila. É tão boa essa sensação para dar início a aula e focar na prática com o meu corpo. A prática da estrela e feto é muito boa porque consigo trabalhar velocidade, intensidade, foco e atenção naquilo que estou fazendo. As direções que trabalho para ambos os lados e a ação de fazer o movimento de feto me encolhendo. Depois, abrir as pernas igual a uma estrela, e os braços para cima como se estivesse irradiando uma energia imaginária. Depois o “jogo do pandeiro” é legal e trabalha a ação, o movimento e o gesto de tentar pegar do colega o instrumento. Eu escolhi a colega Viviane. Eu tentei escapar dela de todas as formas, através de movimentos rápidos e giros, para ela ter dificuldade de pegar o pandeiro. Depois a Vivi fez a leitura do prólogo dos mamutes e todos nós acabamos mortos, caídos no chão. Nosso fim foi virarmos todos carne de mamutes. O prólogo finaliza comigo saindo com andamento bem lento enquanto os colegas levantam e começam a dançar.

Figura 7: Prólogo Isadora



Fonte: Lisandro Bellotto

Mês 4

01.07.22

Neste dia ficou a tarefa de escrever sobre a seguinte questão: Pensar a Squel em frente a uma câmera e os *viewpoints* mais importantes nesse momento.

Ao pensar no momento que estou em frente a uma câmera, é como se eu estivesse brincando com ela. A câmera me estimula a brincar com Movimentos Expressivos do meu corpo, como se a câmera perguntasse para mim e meu corpo respondesse. E assim vai se ampliando os movimentos do corpo, crescendo, ganhando formas, e vai surgindo uma Squel expressiva em cena e em frente à câmera.

Ao pensar nos *viewpoints*, acabo despertando minha imaginação como atriz. Através do andamento bem lento, de uma duração longa, de repetições internas e, principalmente através da Resposta Cinestésica, a cena vai tomando forma. Ao me movimentar pelo som da música e pelo movimento da câmera perto ou longe de mim, trabalho com inúmeros *viewpoints* de espaço e espaço. Pois experimentos Gestos expressivos e comportamentais, a relação espacial com a câmera e uma certa Topografia no plano baixo.

05.07.22

Hoje trabalhei na cena de Squel e Leon. Os gestos de Leon, com a mão apontar a arma para a cabeça e depois o peito de Squel, é um momento tenso pra mim. Eu senti pavor porque eu fiquei com medo de esquecer a sequência dos

movimentos. Essa cena de Squel e o Leon mostra uma mistura de um grande carinho e respeito, uma amizade que virou amor, além de muito companheirismo por estarem sempre juntos até nos piores momentos. Squel implora para Leon mata-la, e no final terminaram juntos, como se nada tivesse acontecido, muito felizes. É o momento mais lindo porque Leon não consegue matar Squel e eles terminam juntinhos, felizes e apaixonados. Eles ficam bem juntinhos, colados, com os pés refletindo o que importa: o amor que prevalece na cena.

Figura 8: Laboratório de Pesquisa – dança dos pés



Fonte: Lisandro Bellotto

Lola Blair e Hammed Ali Ada Ada juntos para mim é como se fossem uma grande explosão. Ela é uma grande diva, eu um grande terrorista, um homem-bomba, que trabalha como segurança de Lola Blair. As duas personagens são diferentes. Hammed Ali Ada Ada expressa a confiança de Lola Blair. E Squel expressa tristeza. Esses sentimentos é a mensagem que quero passar para as pessoas que assistirem, foi isso que aprendi com as 2 personagens que estou interpretando: a confiança e o amor.

06.07.2

Foi o primeiro teste de figurino com materiais do Acervo de Figurino e peças do professor. Naquele momento, não achamos nada que me servia. Lembrei que tenho em casa um vestido preto para a Squel. Todo o elenco vestido sentou em roda. Eu estava com o figurino do Hammed. Vimos o que cada um pensava sobre os diferentes personagens. Esse momento serviu de inspiração para o processo criativo dos nossos personagens.

A Lola Blair, com o seu fiel escudeiro, Hammed. Ele finge uma certa segurança se colocando de braços cruzados quando está ao lado de Lola Blair e ao mesmo tempo que se afasta dela. Na cena da Squel e de Leon, eu tento ficar tranquila e agir com naturalidade para trabalhar a sequência sem errar nada. O VPTs repetição é importante no meu processo de criação.

07.07.22

Neste dia na aula, realizamos o aquecimento vocal e corporal, onde eu trabalhei o exercício “feto-estrela”, a caminhada pelo espaço, a prática da expressão dos sentimentos e suas formas e modos de falar. Criei um gesto que serviu para a personagem Esquel: tocar no rosto com as mãos.

Foi também criada a coreografia que está no início do espetáculo, a partir de uma canção da cantora Gloria Groove. Eu também coloquei gestos do meu colega Guilherme, trocados no exercício espelho. Eu descobri nesse ensaio o que acontece antes de Hammed Ali Ada Ada explodir. Lola Blair e Frenesi estão na posição de monstro, depois Lola fica em pé, e Frenesi elogia Lola Blair. Nesse momento, criamos a ação de tirar a Lola Blair do chão. Em seguida, foram apresentadas as músicas da Xuxa para a cena da Shiva Moon. Eu comecei a dançar. Nesse momento, eu trabalhei a imaginação voltando a minha infância.

Figura 9: Dança e Sombra



Fonte: Lisandro Bellotto

Essa é a Squel que imagino sem roupa preta, escondendo o seu rosto na espera por Leon. A foto é da personagem Lia, da série chamada *Gênesis*.

Figura 10: Inspirações



08.07.22

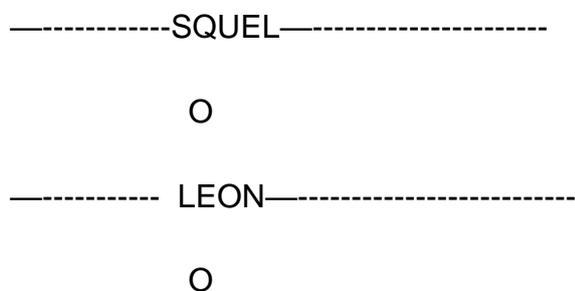
Neste dia o professor e eu conversamos sobre o andamento do projeto de pesquisa em relação aos meus diários semanais. Começamos unindo os diários, excluindo o que de certa forma não dizia respeito diretamente ao processo de construção das minhas personagens.

Depois, trabalhei os VPTs Topografia, Forma e Andamento, usando essa ferramenta incrível que é a nossa imaginação. Pensei em linhas imaginárias no chão que foram subindo como se fossem linhas de laser vermelho, e que não pudessem tocar nenhuma parte de meu corpo. Tive que me deslocar de maneiras diferentes, e essas maneiras vão criando formas no espaço. Depois fui praticando ações compondo linhas retas, como se meus pés fossem lápis gigantes, deixando riscos imaginários no chão. Também experimentei caminhadas de costas para deixar bem marcado meu risco no chão. Desse risco criei uma forma circular, sendo uma forma criada pela imaginação e corpo. Também trabalhei com diferentes níveis espaciais.

Como se fosse a Squel, segui me deslocando pensando nos VPTs. Nesse deslocamento, pela ação criada, acabei descobrindo que a Squel sempre teve medo de altura. Decorrente dessa prática, acabei desenhando, em um dos meus diários, um esboço bem pequeno do espaço da cena entre Squel e Leon.

Numa das experimentações desse dia, surgiu a ideia de colocar Squel junto com os gaúchos. Ela aparece no meio deles, acaba sendo esfaqueada e morrendo. Ela foi gravemente ferida com a facada que levou de um dos gaúchos. Squel cai no centro da sala. Os gaúchos ficam discutindo em sua volta, culpando um ao outro pelo crime.

Essas são as ações e os movimentos criados para a cena da Squel neste dia. Caminhando com os braços erguidos para frente, eles encontram-se no centro da cena, se olham e se abraçam. Squel toca na mão de Leon suavemente e acaba lendo sua mão. Se abraçam novamente até que Squel implora para Leon assassiná-la. Leon aponta a arma para sua cabeça mas não consegue assassinar Squel. Eles se abraçam. Ele tenta de novo e não consegue. Leon e Squel se olham fixamente e se abraçam. Saem juntos de mãos dadas em direção ao encontro do porquinho imaginário de Squel. Nesse momento, Leon revela ter que matar um mamute. Squel aponta o dedo em sua direção, como se estivesse criticando o erro de Leon. Nesse momento, Em seguida, ocorre o toque da mão de Leon no rosto da Squel. Depois, há o seu grande momento romântico: sentam lado a lado bem juntinhos, Leon e Squel, e olham fixamente para frente. Eles veem a imagem de seus pés refletidos na projeção:



Depois trabalhamos a cena na íntegra dos gêmeos, com os meus colegas, Daniel, Guilherme e Tainara e a cena dos gaúchos. Na cena dos gaúchos, eles começam se provocando com palavras, param e descem de seus cavalos imaginários. Se comportam como se estivessem em um duelo, mostrando quem é homem de verdade. Em seguida, fazem uma aposta: quem dança melhor a chula.

Brigam e discutem qual deles dois errou o passo. No meio dessa briga, Squel leva a facada dos gaúchos e cai no chão. Leon ao ver a sua amada no chão se desespera, indo para perto de Squel. Leon, para sentir se está viva, aproxima sua cabeça a cabeça de Squel, aproxima o ouvido no peito. Leon levanta a cabeça de Squel, mexe na sua cabeça, coloca-a delicadamente no chão. Pega a mão de Squel e chama pelo seu nome várias vezes, percebendo que não há mais pulso. Leon acaba aceitando, com muita dor no coração, a morte de Squel. Ele dá um grito como expressão de total desespero. Enquanto isso, o assassino de Squel vai curtir a vida num bar, como se nada tivesse acontecido, saindo do local do crime, sem prestar alguma ajuda.

Para mim como atriz, que está em cena, no momento interpretando a personagem Squel é muito triste, porque estou lidando com um tema muito forte, que é a morte repentina. Uma grande tragédia, que ao mesmo tempo, me deixa emocionada, porque cada vez que eu repito essa cena me coloco no mundo imaginário de morte através das ações. Os movimentos, os gestos expressivos das mãos e a atenção que se deve colocar na ação, é o modo como devo trabalhar nessa cena para no final dar tudo certo. O olhar mais sério e o modo como meu corpo fica em cena, a sua posição, formam pequenos detalhes que fazem total diferença. Assim, eu trabalho a minha concentração e passo a transmitir uma certa verdade. Essa verdade pode ser unicamente explicada pelo meu trabalho de atriz. Eu tenho uma certa dificuldade a ter concentração quando estou em cena. Por isso, antes de entrar em cena, eu uso a prática da respiração como preparação, dando várias respirações lentas e rápidas.

20.07.22

Hoje trabalhamos a composição de imagens formadas pelos atores , como se estivessem pausados em cena. Uma das imagens trabalhadas foi a dos pés em movimento, que acabou por compor a cena de Leon e Squel. Ao trabalhar na prática as cenas, as vivências e as memórias que experimento, desperto a minha imaginação.

Na coreografia e no jogo do espelho (uma prática mais livre), os corpos acabam conectados através da resposta cinestésica. No trabalho com o *Viewpoints* Forma, observando a prática da colega Daniela, eu experimentei trabalhar com a forma da marionete ou bonecão de posto. Também trabalhamos a prática de expressar as 6

emoções. Dá vontade de usar todo o corpo, pois essa prática envolve o trabalho com muita energia. O tempo em que estou nas práticas não cansam, só quando fico parada.

No processo, é preciso tempo e liberdade para as coisas acontecerem. E confiança e entrega em relação ao colega. O momento da prática sozinha também é muito importante. Exercitar a paciência é importante para o estágio criativo, e depois para o um estágio evolutivo.

Sempre dançamos. O objetivo da dança é aquecer e trabalhar a topografia no espaço, seu desenho. Quais os exercícios me fazem esquecer da limitação da minha coordenação motora? A caminhada, o girar o corpo para todo os lados...

As minhas personagens nascem depois do aquecimento individual. Nesse momento, me esqueço totalmente do meu problema de coordenação motora. Começo na posição fetal, passando para a forma de um balão. Depois me transformo numa flor que está desabrochando. Os braços são as flores e os quadris são as folhas que se movem para frente e para trás. Meu corpo é como se fossem as folhas e pétalas desabrochando, caindo, despertando para um novo dia. A Squel é pra mim como uma flor vermelha, que está no campo desabrochando.

21.07.22

Como Hammed Ali Ada Ada, eu sou um amigo íntimo de Lola Blair e faço sua segurança. E assim, termino numa pose com os braços cruzados “de lado”, como se fosse uma foto. Ela representa a gangue de Lola Blair.

Trabalhamos a prática de Apoio em duplas. Nesse momento, percebi que tenho que estar concentrada na ação, trabalhando a atenção em cada movimento feito no corpo. A sua imaginação deixa você ser o que quiser, mantendo-se preso aos pulsos do colega, com confiança nele. E assim você trabalha os níveis desse exercício proposto. Depois, trabalhamos o apoio em círculos. Todos ficam apoiados um no outro, jogando o corpo para trás, como se tivesse um elástico preso às nossas costas. Também realizamos a caminhada lenta em círculo, uma forma de andar angular e circular pelo espaço.

Figura 11: A gangue de Hammed Ali Ada Ada



Fonte: Lisandro Bellotto

26.07.22

Neste dia Trabalhei os movimentos e as ações que consegui lembrar da cena da Squel, sem o Leon “de carne e osso”, só com um imaginário. Assim, trabalhamos a imaginação através das ações e movimentos que acontecem no decorrer da cena. Ensaíamos a morte da Squel. Nesse momento, percebi que tenho que melhorar as minhas cenas, inclusive entradas e saídas. Vou me focar e me concentrar na prática para eu conseguir fazer uma apresentação perfeita. Eu não vou anotar mais nada em aula, mais nada do que presencio e vejo. Vou focar mais em assistir o que os meus colegas estão apresentando. Assim, eu acho que consigo entrar no tempo certo. As anotações que faço, nos meus diários, me ajudam a lembrar o que fazer nas cenas.

Sendo assim, também teve um momento que voltei e fiz a mesma sequência que havia feito e criado no laboratório de pesquisa, criando a cena da morte da Squel.

Depois, teve o momento do enraizamento no chão com o pé. Trabalhei o movimento do corpo bem devagarinho, que se transformou numa flor. O movimento se desenvolveu no corpo quando fiquei de pé. A flor se abriu. Eu fechava e abria os braços. Depois, teve o andar pelo espaço. Eu imaginei como um campo bem verdinho, todo florido. Engatinhei com as mãos apoiadas e bem enraizadas no chão. Fui subindo, fechando os braços das flores que iam se abrindo no campo.

Depois trabalhei o VPT do andamento no encontro com o Leon imaginário. Um abraço acontecia como se estivesse abraçando de verdade. Mas era eu mesmo nesse caso. Neste momento, acariciei a minha mão como se fosse a mão de Leon, li a minha mão como se fosse a de Leon. Coloquei os braços inclinados para frente e depois levantei o dedo indicador para apontar para o Leon imaginário. É como se tivesse o

recriminando por matar um mamute. Depois, como Squel, implorei com os braços em forma de cruz, pedindo que o Leon imaginário me matasse. Ele tenta e não consegue, fica com a arma apontada na minha testa, depois no peito. Como última tentativa, Squel acaba ficando de quatro como se fosse um mamute, com a arma apontada para a cabeça. Depois com as minhas mãos, que são mãos imaginárias de Leon, coloco no pescoço de Squel. Leon, sem coragem de matá-la, acaba convidando Squel para ver o porquinho imaginário.

É muito estranho e diferente trabalhar com um personagem imaginário. Isso acaba tendo duas funções: 1) lembrar das ações, andamentos e gestos expressivos do personagem, 2) usar os VPTs Repetição, e mais tantas outras coisas, porque as cenas já estão marcadas pelo professor, e se eu me esqueço de alguma coisa, ou parte da cena, tenho que começar do início. Nessa proposta, eu posso dizer com toda certeza absoluta, que testei o meu potencial como atriz. Pude perceber também que preciso melhorar muito. A sequência de Squel e Leon, às vezes, me deixava bem cansada, e assim meu rendimento não era tão bom quanto eu esperava. Ficava dispersa, lutando para me concentrar.

27.07.22

E fui para o céu. Ao me levantar do chão, vejo em minha volta vários refletores, cheios de focos de luzes brancas, que demonstra que a *Marielle Fly* está num lugar de luz, chegou no céu. Essa cena foi trabalhada no Laboratório de Pesquisa. E tem também a imagem ao fundo da Squel ampliada, refletida na tela. E os pés de Leon e Squel ampliados na tela, em movimentos lentos, tocando um no outro lentamente, onde Squel apoia no ombro um guarda chuva ,enquanto Leon está com a câmera na mão.

Em seguida, Squel morre, e depois desperta da morte estando no céu onde toca no rosto sem acreditar no que acabou de acontecer com ela. Parece ser coisa da cabeça dela, mas na verdade aconteceu mesmo. Eu encosto no meu ombro delicadamente, como se estivesse conhecendo o próprio corpo. Trabalhei a prática da Repetição da ação de morrer várias vezes. Gostei de trabalhar com essa ação, porque de tanto fazer, acabo aperfeiçoando o movimento, e quase vira uma resposta cinestésica do meu próprio corpo, que acaba, dessa forma, trabalhando meu cérebro. E assim fica como se fosse uma imagem daquele momento imaginário, do que é

preciso fazer. Por assistir e lembrar de personagens nos filmes e séries, que estão mortos em cena, acabo me imaginando sendo assassinada. São corpos mortos em cena. Pego alguma referência de ação, de um movimento, e de gesto expressivo, as mãos cruzadas...

28.07.22

Neste dia teve o aquecimento e, em seguida, teve a apresentação de composição das cenas para alguns convidados. Trabalhei muito bem a Squel, mas em alguns momentos me senti muito perdida com os olhares das pessoas. Também no momento do Hammed Ali Ada Ada, por estar tão focada e concentrada, me perdi pela mudança de personagem. E sei o quanto isso me prejudica.

Mês 5

04.08.22

Vou descobrindo durante as aulas, cada um dos pontos que são trabalhados segundo Anne Bogart. Primeiro, separando cada *viewpoints* como se fosse uma peça do quebra cabeça. E, no final, transforma-se o espaço em cenário, e eu faço as personagens. E nas duas personagens acabo trabalhando os *viewpoints* na experimentação. E, em cada movimento que foi trabalhado, por meses de muito ensaio e muita dedicação, percebo agora que a citação de Nair de Agostini que fala da atenção e da imaginação que, na prática se aprende de verdade a escutar a si próprio e ao outro. E trabalhamos Squel e Leon, todas as sequências das cenas. Estava bem cansada, e assim meu rendimento não foi tão bom como eu esperava.

06.08.22

As colegas Daniela e Tainara mostraram a cena delas, para recordarmos o que fizemos no semestre anterior. Eu fiquei assistindo, acompanhando, prestigiando e, de alguma forma, aprendendo com elas. Como foi bom repassar todas as cenas. Retomar cada uma delas, e assim trazer da nossa memória o que os nossos corpos

fizeram e o que praticamos como atrizes. É o que fizemos até agora, para um lindo, maravilhoso e emocionante espetáculo de Formatura.

Mês 6

15.09.22

Como um jogo, improvisamos no microfone. Cada um de nós trabalhou com suas personagens. Íamos ao microfone, e com total liberdade, falávamos o que queríamos. Aproveitei este momento para brincar e colocar a minha imaginação para funcionar. Era como se eu estivesse fazendo um desabafo ou fosse uma candidata em período de eleições. A candidata fazia promessas que não seriam cumpridas, acabava apenas reclamando, ao invés de ajudar ou pensar como melhorar o que havia prometido ao povo.

Também trabalhamos com nossos personagens. Como espectadora, percebo que cada um dos personagens da peça tem um perfil diferente, um modo de agir e de realizar as suas ações. Tudo na peça tem um sentido, uma certa razão e um motivo para serem assim. Nesse mesmo dia, fizemos a leitura do texto. Eu consegui trabalhar com a Squel, e dessa forma, consegui recordar as falas na cena. Isso foi importante porque ajudou a retomar o processo criativo em que estávamos antes das férias.

Durante as férias, separei alguns momentos para ficar escutando o áudio com as falas da minha personagem Squel. O que me ajudou a memorizar cada uma delas. Acabei percebendo que escutar o áudio da minha personagem, prestando muita atenção, desperta algo muito bom dentro de mim. O áudio ajuda na prática com os gestos expressivos. O áudio e os gestos dão pura verdade à cena porque acabam contando a história.

21.09.22

Nesta aula, já demos continuidade para a prática das cenas. Eu trabalhei com a Squel, morta no chão enquanto Leon me cuidava e me protegia. A sensação vivenciada é de estar totalmente parada. Sem mover o meu corpo e sem poder ir a nenhum lugar. Fiquei estagnada, deitada no chão, fazendo leves movimentos com uma das mãos. Quando os colegas pegavam a minha mão, era como se, na minha imaginação, o braço fosse uma alavanca imaginária, que estivesse sendo jogada de

um lado para o outro. Dessa maneira, começo a reagir aos estímulos, movendo a mão, como se quisesse voltar à vida. Depois, as mãos acabam sendo puxadas, de um lado para o outro, pelos personagens Leon e Capitão Man. O Leon acaba agindo com grande autoridade, se colocando contra o Capitão Man. Dessa forma, ele mostra, com esse gesto, uma proteção extrema. Leon acaba explodindo, se enfurece com o Capitão Man, o pegando pelo pescoço. O que não deixa o tempo para o próprio Capitão Man ter alguma reação. Leon empurra para trás o Capitão Man. Ele se desequilibra, cai no chão. Isso mostra a grande força de Leon nesse momento, uma força sem nenhuma explicação aparente, porque ele, antes, demonstrava ser fraco. Mas essa reação de Leon teve tem uma explicação: a grande paixão de Leon por Squel.

22.09.22

Eu chamei a cena relatada acima de “a fúria de Leon contra o Capitão Man”. Essa cena ,no meu ponto de vista, é a primeira reação de Leon contra o Capitão Man. Leon deixa muito claro que, na verdade, ninguém precisa dizer para ele o que ele deve fazer ou não. A sua própria vida lhe pertence. Nesse dia também trabalhei a cena do Hammed Ali Ada Ada. Ele começa a andar com um olhar fixo para Lola Blair e começa a dançar com ela. Lola começa a ficar mais solta e mais livre para poder fazer movimentos expressivos, e eu também. Mas as ações de Lola e Hammed são diferentes, são dois mundos diferentes porque os personagens são muito diferentes. Nesse momento, eu também trabalho com os movimentos e sensações como se estivesse numa competição com a Lola Blair.

Figura 12: Colete – bomba Hammed



Fonte: Lisandro Bellotto

Depois do intervalo, assistimos o vídeo do que havíamos feito no dia anterior. Dessa forma, conseguimos nos lembrar do que fizemos.

27.09.22

Hoje eu fiquei só assistindo os meus colegas, e assim pude ver e acompanhar os detalhes de cada acontecimento que estava ocorrendo bem na minha frente. Como público, eu pude perceber os mínimos detalhes e o imenso cuidado de não deixarem nada para trás. Tudo que acontece em cena é bem detalhado, bem definido, com um significado, um sentido real. Como se fosse um bolo recheado pelo imaginário. As partes do bolo são como se fossem os pedaços da cena, que de certa forma começam no início separadas, mas no final acabam se tornando uma coisa única.

28.09.22

Neste dia me preparei com os meus colegas para trabalharmos a pose para a foto dos 4 super heróis: Shiva Moon, Hammed Ali Ada Ada , Leon e Lola Blair. Nesse momento, Hammed fala no idioma do seu país e bebe pinga junto com os outros. Os quatro personagens ficam parados como estátuas e, em seguida, passa Isadora na frente de cada um, brincando, tocando em cada um de nós. Sinto que, ao ficar repetindo os movimentos várias vezes, meu corpo fica mais vivo e intenso, e as intenções mais claras. É como se eu quisesse mostrar a verdade, o que está por trás da história, nos seus mínimos detalhes. Nas cenas, são as minhas emoções, ficando claro para quem vê a interpretação real e verdadeira da atriz.

29.09.22

Nesse dia, trabalhei a morte da Squel, a proteção do Leon e a brincadeira do Capitão Man com as minhas mãos. No final dessa cena, eu sou arrastada pelo Leon e Shiva Moon. Nesse momento, Leon acaba deixando eu ser levada, por causa da sua ganância. Os gêmeos, ao me verem morta, se aproximam e ficam incrédulos em ver um mamute abatido no chão. Quando entro em cena é como se tivesse um espelho imaginário, por onde vejo os personagens interpretados por mim. Cada um deles tendo sua vida. Sendo assim, demonstro na prática o trabalho com as ações, as atenções, as intenções e a imaginação.

Tenho uma certa dificuldade de pegar a coreografia inicial que termina com a queda dos personagens do Mamute SM. Isso me deixa muito frustrada, por isso, hoje, não participei da coreografia. Eu não me senti capaz naquele momento. Na parte da morte dos mamutes, eu me arrasto como se fosse um soldado no meio da guerra. Um movimento bem lento como se fosse uma volta à vida.

Mês 7

04.10.22

Percebo que eu gosto de trabalhar com meu corpo, no aquecimento, porque as ações vão se transformando em formas, e assim dão um certo andamento que ativa a minha imaginação. Continuamos a trabalhar nas composições de cenas que já temos prontas e definidas para o espetáculo.

O áudio com as falas da Squel e Leon é como se fosse um lembrete da história da própria Squel. Dessa forma, essas memórias que são narradas no áudio acabam despertando o seu passado. Assim, ela precisa se agarrar em alguma coisa ou em alguém, por se sentir totalmente sozinha no mundo. É quando acaba surgindo Leon em seu caminho. E assim os dois se cruzam, se encontrando.

Figura 13: Corpo e Forma coletiva



Fonte: Lisandro Bellotto

05.10.22

Neste dia, apresentamos as cenas para a professora Candice. Ela deu a sua opinião, algumas dicas e sugestões de figurino. Passamos todas as cenas, e tiveram alguns momentos bem marcantes com os meus dois personagens. Na morte da Squel, percebi que ainda preciso melhorar e me concentrar mais em cena. Mas vou continuar trabalhando com as sequências de ações.

Eu me senti nervosa com outra pessoa me vendo em cena. É necessário trabalhar com a minha atenção no momento que ocorre a cena. As ações já estão definidas, só preciso entrar no tempo certo e cuidar das marcações no espaço. Squel e Hammed são personagens diferentes, e através deles eu tento deixar uma mensagem para quem assiste, o público.

14.10.22

Neste dia o professor deixou umas perguntas para eu responder, referentes aos personagens que interpreto na peça:

1-Como os personagens Hammed e Squel trabalham e usam os *Viewpoints*?

Hammed e Squel têm alguns pontos em comum. Os dois querem a todo custo morrer e ambos tem coragem. Hammed quer se explodir em prol de uma causa. Já Squel é uma gótica com fixação na morte. A parte fácil de trabalhar com esses personagens é que acabo emprestando a minha força e a minha coragem pessoal que eu tenho todos os dias, passando para o personagem que interpreto. Tenho dificuldade de me manter concentrada em cena. Para trabalhar isso quando estou ensaiando, preciso de um certo tempo nas coxias, fora de cena me concentrando antes de entrar. É quando, em cena, procuro realizar a topografia ensaiada para os personagens. Eles são pontos de referência importantes para eu me manter focada na atuação. Outro ponto importante é a relação espacial que desenvolvo com o personagem Leon. A relação entre proximidade e afastamento do personagem principal me ajuda a manter o foco e me manter concentrada em cena. Na cena do Hammed, tem um início mais livre. Eu tenho a facilidade de improvisar, me sinto livre, sem amarras me puxando, constituindo um desafio empolgante. Um segredo dos *viewpoints* é justamente deixar a cena acontecer e responder a ela simplesmente.

2-Quais os desafios e as dificuldades de improvisar com a personagem Lola Blair?

A dificuldade que tenho, em relação a personagem Lola Blair, é não deixar apagar o brilho dela, e de alguma forma seu destaque, o que a personagem precisa como estímulo para continuar brilhando no palco. Na performance inicial dançada, minha dificuldade é estabelecer uma relação com essa personagem que tem muita energia. Uma energia que vem do seu trabalho de *Drag Queen*. Por vezes essa energia contrasta com a minha, e tenho receio de me machucar fisicamente ao chegar perto dela. A estratégia para isso não acontecer é trabalhar com uma Relação Espacial mais distanciada desse personagem. Me colocando à disposição para interagir com o colega quando ele achar necessário, respondendo cinesticamente as suas propostas.

3- Na cena entre Squel e Leon, quais as facilidades e desafios que tenho em cena?

Em geral, a cena entre Squel e Leon é fácil de trabalhar. Contudo, há momentos específicos que tornam a cena mais complexa para mim. Os momentos em que muitas ações, movimentos e marcações acontecem em sequência, acabam me fazendo perder a ordem. Ainda por cima, o medo de errar acaba me prejudicando. Por isso eu gosto e preciso passar pelo processo prático de repetição, quantas vezes forem necessárias, até eu conseguir entender corporalmente o que tem que ser feito em cena. Logo, o *Viewpoints* repetição aqui se tornam fundamentais para mim.

Em tempo: O professor sugeriu algumas dicas para a caracterização da Squel, como as "Lágrima vermelhas" e um laço vermelho no pescoço. Gostei das sugestões, pois elas remetem a cor do sangue e da morte, características da personagem em questão. Lembramos que a Squel é uma "gótica" que procura obsessivamente a própria morte.

18.10.22

Para o VPTs andamento do personagem Hammed, experimentei inicialmente a imobilidade, onde ele se mantém no mesmo lugar, isolado dos demais, como que à espreita do que acontece na história. Hammed é uma espécie de segurança da personagem Lola. Em determinado momento, o personagem subitamente corre em direção ao protagonista com o objetivo de mata-lo. Indo da imobilidade total para o

andamento super-rápido. Em seguida, ao ser reprimido por Lola Blair, Hammed volta para sua posição inicial de vigília. Trabalhei também o gesto comportamental de abraçar violentamente o protagonista com a intenção de explodi-lo, já que Hammed é um homem - bomba. Também trabalhei com um gesto expressivo vocal para Hammed, através de sonoridades próximas a um "sino indiano tocando", como forma de expressar sua língua materna incompreensível.

Para essa personagem, em termos de VPTs, a Squel tem um andamento médio, tendendo para o lento, já que a cena toda acontece com diálogos em Off, gravado por mim e pela colega Tainara. Em termos de VPTs topografia, me desloco como uma flexa em "câmera lenta" em direção ao personagem Leon. Ele também faz o mesmo. Nos utilizamos de um gesto expressivo que representa a paixão, com os braços abertos e estendidos, como um abraço que está para acontecer. Leon, numa perspectiva de VPTs repetição faz o mesmo. Outros momentos da cena se repetem, alternando os abraços entre os personagens, com a tentativa frustrada de Leon assassinar Squel. Trabalha-se, nessa cena, com a ideia prática de VPTs Repetição, gesto expressivo e topografia simultaneamente. Também a relação espacial foi pensada em termos de aproximação entre os dois apaixonados.

19.10.22

Neste dia, trabalhamos, como parte do aquecimento, a caminhada vertical. É um tanto agonizante este momento. Trabalha-se com a forma de andamento, resposta cinestésica e a noção de espaço. Estávamos todos juntos, o que me deixava com medo de bater nos colegas. Trabalha-se, com essa prática, a atenção, tomando cuidado com os demais que estão à volta. No final dessa prática surgiu uma linda imagem. Como se fosse um retrato que registrasse os mamutes parados, como estátuas. Mas era como se por dentro dos corpos tivesse ocorrendo algo, acontecendo outras coisas dentro deles. O que não conseguimos enxergar, mas que a imagem por si acabou captando, naquele exato momento.

26.10.22

Nesse dia, acabei experimentando um vestido preto que ficou muito bonito em mim e que combina muito com a personagem Squel.

Uma das práticas que trabalhamos foi o apoio das costas e dos braços. Eu ficava de costas, apoiada nas costas do professor Lisandro. Era, pra mim, como se estivesse numa base bem alta, um encosto imaginário para a coluna. Eu conseguia apoiar minhas costas nas costas dele, e dessa forma acabamos nos tornando uma única coisa: uma bola gigante inflável.

Preciso muito trabalhar a morte da Squel. Neste momento, preciso deixar os braços mais moles, porque estão bem tensos e os pés também. Quando Leon me arrasta, é nesse momento que preciso de mais concentração. Depois fiquei acompanhando o ensaio das cenas dos colegas, junto com o professor. Toda a peça sai da cabeça da Isadora, como a imaginação de uma criança. Ela é uma criança querendo ser adolescente. Sua mente é muito evoluída para sua idade. É como se ela quisesse colocar suas ideias para fora, o que ela está sentindo neste momento. Com isso, ela acaba inventando e imaginando e narrando toda a história.

27.10.22

Nesse dia, na cena dos gaúchos, fizemos a experimentação da cena com as facas, com a morte da Squel. É quando uso o apoio da perna flexionada para a caída no chão. Trabalhei portanto nesta prática algumas vezes, com orientação do professor. Ele me ajudou a fazer da melhor forma possível essa caída ao chão. Sendo assim, gosto de trabalhar com a prática de repetição. Acaba sendo uma forma de me divertir naquele momento, nos ensaios, quando estou em cena. É como se estivesse sempre me desafiando, mais e mais, e dessa forma, sempre, superando meus limites como atriz.

Mês 8

03.11.22

Neste dia conseguimos passar todas as cenas do espetáculo pela primeira vez. Finalmente conseguimos. Antes, sempre ficava faltando alguma cena. Da minha parte, estou dando o meu melhor, estou criando 2 personagens a partir das ações, intenções, modo de agir em cada situação que é imposta para mim. No que diz respeito à discussão e à briga dos gaúchos, sou levada até o centro do palco pela

Isadora, ficando no meio dos gaúchos. Caminho até levar a facada. Na morte de Squel, mexo a mão pra cima representando um último suspiro, um sopro de vida.

23.11.22

Ensaíamos a cena de Squel e Leon, o seu momento romântico, dramático. Isadora aparece no exato momento da arma apontada na cabeça da Squel, com seus braços abertos. Ela fica assistindo. Neste momento, fica nítido que as cenas fazem parte da própria imaginação da Isadora. Por isso, ela acaba se aproximando de Leon e Squel por curiosidade. Quer ver mais de perto o que realmente está acontecendo naquele exato momento. Ela acha que tudo aquilo que está acontecendo é real, é verdade. Mas acaba tudo acontecendo apenas na sua própria cabeça, na sua mente de uma criança de 9 anos. Também trabalhei a voz do Hammed a partir do improvisado, seu sotaque, o enrolado da fala e seu idioma. Com a ajuda dos meus colegas, criei uma voz que acabou ficando engraçada.

24.11.22

Hoje, eu e a Tainara decoramos as falas dos nossos personagens usando o áudio. Trabalhamos bastante com as nossas vozes, unindo o corpo com as intenções. Escutamos o áudio para trabalhar as intenções, fazendo marcações no próprio texto, nas cenas de Squel e Leon. No final, a Isadora batia uma palma para sairmos de cena. Depois trabalhamos com a gravação definitiva de nossas vozes. Tivemos a ajuda da colega Viviane e do professor. Usamos equipamentos de microfone profissional de estúdio.

Mês 9

01.12.22

Com esses 2 personagens que eu interpreto na peça, acabei conseguindo trabalhar, de uma forma separada, as suas ações. E assim colocar em evidência as intenções. Essa é a minha forma de trabalhar com a imaginação. Eu interpretei a personagem Squel, junto com o personagem Leon, interpretado pela minha colega Tainara. Eu interpretei o personagem Hammed, junto com a personagem Lola Blair, interpretada pelo colega Guilherme, e a personagem Frenesi, interpretada pela colega

Renata. Me divirto muito em cena, com a interpretação dos meus personagens surgindo e aparecendo em cena. De certa forma, acabo passando isso para o público. Essa é a magia que acontece.

14.12.22

Depois de assistir a nossa passada completa das cenas do espetáculo de formatura, o professor fez comentários sobre o que viu, o que achou de cada uma das cenas apresentadas. Percebi que ele gostou muito de tudo e gostou da minha interpretação. Eu gostei do que eu fiz nas cenas.

Fizemos também a tão esperada experimentação com os figurinos dos personagens da peça. No momento que eu fui vestir os figurinos do personagem Hammed e depois da personagem Squel, eu senti de verdade, dentro de mim, como se aqueles figurinos definissem realmente os personagens. Esses são definidos também pelas ações, intenções, e movimentos que eu faço no decorrer das cenas, dando essa forma à minha prática. Passando uma verdade ao público que acaba percebendo a saída da Marielle do cotidiano para a prática de interpretação do personagem. O personagem é interpretado por mim quando estou em cena e antes, na minha preparação na coxia, com respirações curtas e longas. Isso me deixa tranquila e bem concentrada.

15.12.22

Muito boa a experiência de trabalhar as cenas usando o figurino. O personagem Hammed é cômico, engraçado e cheio de suspense. Ele toma conta de mim, acaba fazendo parte de mim, e desta forma eu consigo me entregar de verdade. Que 2023 se inicie para assim darmos continuidade ao meu processo criativo, com os meus dois personagens, Squel e Hammed.

Mês 10

03.01.23

Neste dia, fizemos o primeiro ensaio geral do ano de 2023, antes da grande estreia no Teatro Treze de Maio. O uso do figurino das personagens interpretadas por mim desperta a imaginação dentro do meu próprio corpo. Trabalhamos uma passada com

todas as cenas, de todos os personagens do espetáculo, do início até o fim, com cada um usando seu figurino devidamente.

04.01.23

Neste dia fizemos o ensaio geral de 2023. A minha experiência prática e pessoal, que eu tive neste semestre, foi inesquecível e cheia de aprendizado. Eu vou levar para a vida. Ultrapassei todos os meus limites nas aulas, desde a preparação corporal e vocal até o grande momento crucial para mim: a hora da interpretação dos personagens. Quando eu me coloco em cena, trabalho a minha atenção. Dessa forma, consigo mostrar a grande atriz que existe em mim, desde sempre. Mas que agora foi colocada para fora, e pode ser vista pelas outras pessoas.

Figura14 e 15: Hammed na espreita





Fonte: Lisandro Bellotto

12.01.23

Último ensaio do espetáculo de formatura. Ensaio geral, pela manhã. Neste dia tivemos a presença da querida professora Mirian. Depois de apresentarmos para ela o espetáculo inteiro, ela fez comentários pessoais do que ela achou e do que ela viu. O professor Lisandro, como diretor do espetáculo, citou para nós alguns pontos específicos do espetáculo que devemos cuidar. E ficar bem atentos aos nossos personagens de uma forma geral. Agora é só esperar pela nossa grande estreia no sábado, e ver o que acontece no dia. Espero dar tudo certo com o nosso espetáculo. Ele deve ser um grande sucesso. Vamos dar o nosso melhor nestes 3 dias. De certa maneira, tentei dar o meu melhor no ensaio geral. Controlei a minha ansiedade, o meu nervosismo e a minha atenção na coxa, para enfim entrar no palco no tempo certo.

Figura 15: Tchou, vou entrar no espaço sideral da cena!



REFERÊNCIAS

BILAC, Jô. **Os mamutes**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2015.

BOGART, Anne. **A preparação do diretor**: sete ensaios sobre arte e teatro. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BOGART Anne. Seis coisas que sei sobre o treinamento dos atores. **Urdimento** - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v.1, n.12, p.029-040, 2018.
Disponível em:
<https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101122009029.Acesso:21.05.22>

_____; LANDAU, Tina. **O livro dos viewpoints**: um guia prático para viewpoints e composição. São Paulo: Perspectiva, 2017.